Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

ANO 8 - V. 89 - 1943

O EXORCISMO DA CAÇA, DO PEIXE E DAS FRUTAS ENTRE OS BORÔRO

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

MANUEL CRUZ

A literatura sôbre os Borôro da qual se destacam as obras de Karl von den Steinen e do padre António Colbacchini, é numerosa. A-pesar-disso, muitos aspectos da vida religiosa e social dessa tribu matogrossense ainda não foram bastante elucidados. O presente artigo é uma valiosa contribuição para o estudo de um dêles. Valiosa, porquê as práticas descritas vão desaparecendo, como já mencionei nos meus "Ensaios de Etnologia Brasileira", pp. 304 e 305. Valiosa, porquê a observação parece bastante exata (se bem que lamento não serem indicados pelo autor o lugar e a data dos fatos observados). Mas o que dá valor especial às seguintes linhas é que elas foram escritas por um dos melhores conhecedores dos índios em questão. Posso afirmar isso, pois foi o snr. Manuel Cruz, ex-prefeito de Lageado, que, em março de 1935, me levou dessa povoação de garimpeiros a Tori-paru, aldeia dos Borôro, e sei que as suas boas relações com os habitantes de Tori-paru continuam até hoje. Conheço, também, a dedicação sincera do autor aos estudos etnográficos e sua honestidade a êsse respeito.

Herbert Baldus

Parece a mim que nenhum investigador nacional ou estranjeiro referiu em seus trabalhos, pormenorizadamente, acêrca do exorcismo da caça e do peixe e das frutas tão religiosamente observado pelos índios Borôro.

Eu mesmo, que tenho consagrado quase a metade de minha existência no estudo paciente da cultura dessa tribu, só de leve tenho tocado no assunto.

Agora, entretanto, pretendo descrever a maneira exata de como se pratica o exorcismo.

Estando, por exemplo, presente a caça consignada ao *Bôpe* ou *espírito mau,* é cla posta numa ésteira ou *béta,* se grande ou em muita quantidade, e num *bácu,* ou abaníco, se pequena ou em pouca quantidade.

O *bári* ou sacerdote ocupa lugar à frente da *béta* ou do *bácu* e assentando-se de joelhos apoiados ao chão e corpo firme nos calcanhares, recebe um cigarro que pessoa presente, quase sempre o caçador, lho entrega acêso.

O *bári* sorve a longos haustos a fumaça do cigarro e soltando-a pelo ar, coloca a mão à boca, impregnando-a do fumo de um novo sorvo que é espalmado no peito, na cabeça, nos braços e, por fim, mais um outro, cuja fumaça é arremessada na boca da caça impura.

Breve pausa e apoiando a mão esquerda na parte anterior da cabeça, com a outra cobre a boca e articúla as palavras invocativas do *Maeréboe* ou *Bôpe* e começa: "Méa rêna, meríga rêna, méa oredudu tabo". Eis o fumo, diz o sacerdote, eis o cigarro, eis a fumaça do cigarro.

Interrompe por alguns segundos a invocação e recomeça: *"méa tabo, meríga tabo, au o araúge, ixiáre boé re ki bito a-kege codi, du codí re in-ago ina a-vogâi, bóe nure togududu tiagududu ac-ábo, du mode a-ke, ac-ogudugodu mode ac-or ebo, augú ebo.*

Veja, diz o *bári*, veja que lhe estou invocando por meio do fumo, por meio do cigarro, para que você desça até nós, pois agora se matou a anta (ou outra caça) para seu repastó. Por isso estou lhe chamando aquí. Os Borôro tem dó e compaixão de você. Tenha também dó e compaixão dêles, dos teus filhos e dos teus genros (1).

E prossegue: *A c-adu bóe jadu toro e pigi, kiógo barógo núre e mágue, máre narúre núre e-magueˌ codú re a mode ac ana jádu, awára jádu eiógue codi re a mode raôge.* "Olhe, repete o bári, afaste de nós todos os malefícios. Êles, os seus filhos, são desamparados, são desprotegidos, por isso estenda-lhes o braço protetor. Agora desça, desça agora."

Nesse momento o espírito do *Maeréboe* apodera-se do *bári* que se convulsiona todo e, nesse estado recebe, novamente, de uma pessoa alí presente e que o acampanha durante todo o rito, um cigarro que sorve longamente, com fôrça, tragando toda a fumaça.

Para um pouco, ainda convulso e, por sua boca, fala o espírito: *"Ixia inobá? boé re inobá? caebabá?* isto é "como é? que foi que é"?

Se a pessoa que trouxe a caça pertence ao grupo exogâmico dos *exeráe*, encosta-se ao *bári* e dirá ao *Maeréboe*: *"Uh" o vogaí re au o auaguédu ac-o ina"*. Sim, diz a pessoa, é seu genro que lhe está chamando.

Se, ao contrário, o indivíduo pertence ao grupo exogâmico dos *tugaregue*, falará ao espírito nesses termos: *"Uh! a vogaí re au o ac-anareguédu ac-o ina;* isto é, "sim, é seu filho que lhe está chamando".

O espírito pela boca do *bári*, responde: "Ki pigína ac-o ina? Wái pigína ac-o ina? Pôru pigi ac-o ina? "É por causa da anta? é por causa do jacaré? é por causa do jaú?" pergunta o Maeréboe.

Se se tratar do exorcismo do peixe, *jaú* por exemplo, dirá o caçador: "Uh' póru pigí re ac-o ina, au o ac-ógua bu kegê ac-ôre auágua en-ógua otodái".

---

1) — Os **exeráe** são tratados pelo **bári** como filhos e os **tugaregue** como genros. Isso se explica pela exogamia entre essas metades tribais. Sendo os **exeráe** seus filhos, claro é que os **tugaregue** que só podem casar com aqueles, serão seus genros.

Sim, diz o caçador, é por causa do *jaú* e para que você o toque antes que seus filhos e genros o façam.

O *Maeréboe* responderá: *"Uh' ĉma rugádu. Iu o in-ógua bu kêgê it-óre i auágue otodái.* Sim, diz o espírito, eu toca-lo-ei com minha própria boca antes que meus filhos e genros o toquem e acrescenta: *"Bóe purédu cau o, cau o tai"*, isto é, "para que não aconteça nenhum malefício a êles".

Quando o *Maeréboe* vem de pronunciar essas palavras o *bári* abaixa a cabeça e mastiga mal e mal a parte da cabeça, do corpo e da cauda do peixe impuro.

Alguns *baére* (2) mais fortes e cujo poder com o *espírito mau* é notório, dado que predizem o futuro e efetuam curas miraculosas, não mastigam a caça, limitando-se a encher sua mão direita da fumaça do cigarro e com ela tocando a cabeça, o corpo e a cauda do animal ou peixe e, encostando-se a sua à boca da dita caça, soltam boca a dentro desta uma forte baforada de fumo.

Depois de terminado o rito do exorcismo cabe ao *bári* destripar e cortar a caça ou peixe. Ao *jaú*, por exemplo, separa do início a cabeça do corpo e divide este, de comprido, em duas metades e cada uma destas em pequenos pedaços que são manteiados e postos num *bâcu*. Nesses pedaços se incluem as visceras, com exceção do intestino que é arremessado fora.

Em seguida o *bári* cosinha a carne do peixe, bem assim figado, pulmão, etc. que são postos numa grande panela ou *aría* independentemente de passado nágua.

Antes, porém, de deitar a panela ao fogo, o *bári* fica de pé e fitando-a, assim permanece por alguns segundos.

Logo que a comida esteja pronta e antes de retirar a panela o *bári* monossilabará, "é, ó, ó" e recolhe a panela da qual vai tirando pedaço por pedaço do peixe e deitando no *bácu*.

Tomando a parte que é destinada ao *Maeréboe* (3) ou Bópe (4) êle começará a refeição e, depois de farto, passa a distribuir aos presentes o restante do peixe por êle cosido.

A cabeça do peixe é levado ao fogo lá pela tarde.

---

2) — **Baére** plural de **bári.**

3) — **Maeréboe,** vocábulo assim formado: **maére,** sempre, eterno e de **bóe,** ente, **coisa,** ser. Portanto **maereboe** vem a significar um ser **eterno.**

4) — **Bôpe,** palavra formada de **bóe,** ente, coisa, ser e de **pê,** contração de **pêga** máu, ruim. **Bope** significa, portanto, espírito máu, como tambem saõ tratados os **maeréboe-dogue.**

Quer a refeição da carne, quer a da cabeça do peixe precede sempre a novo exorcismo.

É crença que na noite que se seguir a essa refeição o *bári* é transportado ao sólio do *Maeréboe* a quem entregará a parte que lhe coube na distribuição da caça exorcismada. Êle dirá ao espírito "*Maréu, maréu, a-ke póru réu. Ac-óre núre tiangudúdu ac-ábo, codí re ixiáre i-ro ina apo au vogai*".

Está aquí, diz o *bári*, está aquí o seu prato de *jaú*. Seus filhos não lhe esquecem e por isso eu lhe trago o peixe que êles lhe destinaram. E continua: *codi re ixiáre eiagudu godu mode ac-ór ébo, au auagu ébo, ac-ába pegaréu, ocoriréu, purédu ei*", cujas palavras podem ser traduzidas deste modo: "Por isso tenha compaixão dos teus filhos, dos teus genros. Não lhes lance nem malefícios, nem dores nem coisa alguma".

E de pé, olhos firmes no *Maeréboe*, êle permanece até que este lhe transmita, de viva voz, a mensagem que deve ser dita a todos aquêles que tomaram parte na refeição da caça exorcismada, especialmente ao caçador ou ao pescador.

São estas as palavras que constituem a mensagem do *Maeréboe*: "*Uh', it-óre i auágue e rugádu. Bóe purédu modu care ai, pegaréu, ocorireu, purédu modu care ei*". Sim, diz o espírito, meus filhos e genros estejam em paz. Nenhum mal lhes acontecerá: nem molestias, nem dores, nem coisa alguma.

E dirigindo-se ao *bári* o espírito o despede, com o dizer: "ixiá tóro", isto é, "vae-se embora".

E o *bári* sem maior delonga se transporta novamente ao seu aldeiamento, onde, ao acordar, transmite a todos a mensagem que lhes foi confiada pelo *Maeréboe*.

Acontece algumas vêzes que um *bári* menos avisado tenta demorar-se por mais tempo do que o necessario na presença do *Maeréboe* e, ao voltar à sua taba é colhido por um sono forte do qual não se desperta ao romper do dia nem com o uivo continuado da cainçalha desenfreada.

Mais tarde, ao despertar por si mesmo, todos percebem que êle está abestalhado.

É esta a punição que recebem todos os sacerdotes que, ao serem despedidos com o "ixiá toro" do *Maeréboe*, ali se demoram com o objetivo de devassar, com o olhar, o que se passa na morada daquêle espírito.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org